

ALI HAZELWOOD

AUTORA DE A HIPÓTESE DO AMOR

Amor, teoricamente

"Ali Hazelwood é uma verdadeira
potência dos romances."

— CHRISTINA LAUREN, autora
de *Imperfeitos*



ALI HAZELWOOD

AUTORA DE A HIPÓTESE DO AMOR

Amor, *Teoricamente*

"Ali Hazelwood é uma verdadeira
potência dos romances."

— CHRISTINA LAUREN, autora
de *Imperfeitos*



ALI HAZELWOOD

Amor,
teoricamente





PRÓLOGO

AO LONGO DA VIDA, experimentei arrependimento, constrangimento, talvez até uma leve angústia. Mas nada, *nada* mesmo me preparou para a vergonha de me ver na cabine de um banheiro prensada contra o arrogante irmão mais velho do cara que tenho fingido namorar nos últimos seis meses.

Este momento, sem dúvida, é o fundo do poço. Principalmente levando em conta que *Jack Smith está salvando a minha pele*. Quando ele me agarra pela cintura para virar meu corpo dentro do espaço apertado, com uma pegada incrivelmente forte, não sei ao certo o que é pior: o fato de que suas mãos são tudo que me impede de murchar feito um balão ou a vergonhosamente imensa gratidão que sinto por ele.

– Fica tranquila, Elsie – diz ele contra a minha bochecha, sério como sempre, mas também incongruente tranquilizador.

Ele está perto, perto demais. Eu estou perto, perto demais. Mas *ainda assim* não perto o suficiente?

– E vê se para de se mexer – completa ele.

– Eu *não tô* me mexendo, Jack – digo, me mexendo.

Mas, depois de um segundo, acabo cedendo. Fecho os olhos. Relaxo contra o peito dele. Sinto seu cheiro em minhas narinas, me ancorando na sanidade. E me pergunto qual, dentre as milhões de escolhas estúpidas que fiz na vida, me levou a este momento.



1

ONDAS E PARTÍCULAS

Vinte e quatro horas antes

DURANTE OS ÚLTIMOS ANOS do ensino fundamental, me fantasiei de dualidade da luz para o Halloween.

Usando uma canetinha, desenhava diversos círculos e linhas em zigue-zague em uma das camisetas brancas do papai que havia resgatado do lixo. Pensando bem, ficava tão malfeito que nem o professor de física conseguia adivinhar o que era. Mas eu nunca me importei com isso. Andava pelos corredores ouvindo a voz de Bill Nye na cabeça, sua bela explicação de como a luz podia ser duas coisas ao mesmo tempo, dependendo do que os outros queriam ver: uma partícula e uma onda.

Parecia uma ideia e tanto. E fazia com que eu me perguntasse se também

poderia ser duas – não, ser várias Elsie. Cada uma seria confeccionada, feita sob medida, cuidadosamente selecionada, levando-se sempre em consideração uma pessoa diferente. Eu daria a todo mundo a versão de mim que quisessem, desejassem, necessitassem e, em troca, eles gostariam de mim.

Molezinha.

É curioso como minha carreira na física e minha carreira em agradar pessoas começaram na mesma época; como é possível traçar uma linha reta desde os livrinhos infantis de física quântica até meu emprego atual. Na verdade, até meus *dois* empregos atuais. O primeiro, no qual ganho praticamente nada elaborando teorias físicas que explicam por que pequenas moléculas se juntam como grupos de meninas malvadas durante o recreio. E o outro, no qual...

Bem, o outro, no qual finjo ser outra pessoa, pelo menos paga bem.

– O tio Paul vai tentar de novo convencer a gente a fazer um *ménage* – diz Greg, os olhos castanhos expressivos se desculpando profundamente, e eu não me abalo.

Não demonstro irritação. Não estremeço de repulsa ao pensar no hálito de esgoto de tio Paul ou em seu cabelo oleoso que me lembra pelos pubianos. Tá, talvez eu estremeça um pouco. Mas disfarço com um sorriso e respondo em um tom profissional:

– Pode deixar.

– Além disso – prossegue ele, passando a mão pelos cachos bagunçados –, nos últimos tempos o papai desenvolveu uma intolerância severa a lactose, mas se recusa a pegar leve nos laticínios. Pode ser que rolem...

– Ocorrências gastrointestinais.

É compreensível. Eu também relutaria em abrir mão de queijo.

– E tem a minha prima Izzy... Ela é conhecida por sair no tapa com gente que discorda dela sobre o valor literário da saga Crepúsculo.

Fico animada.

– Ela é a favor ou contra?

– Contra – diz Greg em um tom sombrio.

Eu amo *Crepúsculo* ainda mais do que queijo, mas posso segurar meu TED Talk sobre por que Alice e Bella deveriam ter deixado todos aqueles idiotas para trás e cavalgado rumo ao pôr do sol.

Team Bellice 4ever .

– Entendido.

– Desculpa, Elsie. É o aniversário de 90 anos da vovó. A família toda vai estar presente. – Ele suspira, seu hálito virando vapor branco no ar noturno deste janeiro gelado em Boston. – A mamãe vai estar no pior humor possível.

– Não se preocupa com isso.

Toco a campainha da casa da avó de Greg e abro meu sorriso mais encorajador. Ele me contratou para fingir ser sua namorada e vai ter a Elsie que quer que eu seja: tranquilizadora, sim, mas também delicadamente mandona. Uma dominatrix que não gosta de empunhar um chicote, mas que poderia fazê-lo se necessário.

– Lembra do nosso código pra ir embora?

– Beliscar o seu cotovelo duas vezes.

– Eu digo que não estou me sentindo bem e a gente sai. E, quando a proposta do *ménage* vier, insinuo fortemente que tenho gonorreia.

– Isso não seria problema para o tio Paul.

– Verrugas genitais?

– Hmm. Talvez? – Ele massageia a têmpora. – A única coisa boa é que o meu irmão vem.

Fico tensa.

– Jack?

– É.

Que pergunta idiota, Greg só tem um irmão.

– Você não tinha dito que ele não vinha?

– O jantar de negócios dele foi cancelado.

Resmungo internamente.

– O que foi?

Merda, resmunguei alto.

– Nada. – Sorrio e aperto o braço dele por cima do casaco. Greg Smith é

meu cliente favorito, e vou cuidar para que saia desta noite ileso. – Deixa que eu cuido da sua família, tá? Afinal, é pra isso que você me paga.

É verdade. E agradeço todos os dias por nunca ter precisado lembrá-lo dos termos. Muitos de meus clientes se perguntam mais ou menos abertamente quais outros serviços eu devo oferecer, mesmo que as regras de utilização do aplicativo Faux sejam bastante explícitas. Eles pigarreiam, coçam o queixo e perguntam: “O que *exatamente* está incluído nesse... serviço de namoro de mentira?” Muitas vezes fico tentada a revirar os olhos e dar uma joelhada nas bolas deles, mas tento não me ofender, sorrio gentilmente e digo: “Sexo *não* está.”

Além disso – já respondendo às perguntas que costumam vir em seguida –, nada de beijo, de pegação, de falar putaria, de ficar pelada, nada de anal nem de boquete, punheta, espanhola ou qualquer outra coisa semelhante que possa existir sem que eu tenha conhecimento. Não deixo que façam xixi em mim nem acariciem meus pés, nem facilito e/ou permito orgasmos perto de mim.

Não que haja algo de errado nisso: o trabalho sexual é legítimo, e as pessoas que se dedicam a ele são tão merecedoras de respeito quanto bailarinas, bombeiros ou gerentes de investimentos. Mas, dez meses atrás, quando obtive meu doutorado em física teórica na Universidade Northeastern, imaginava que a esta altura teria um trabalho razoavelmente bem remunerado na academia. Eu não imaginava *mesmo* que, aos 27 anos, o que estaria pagando minhas contas seria um serviço para ajudar homens adultos a fingir que têm vidas amorosas. No entanto, cá estou, fingindo ser a namorada de alguém para pagar meus empréstimos estudantis.

Sem querer ser estraga-prazeres, mas estou começando a desconfiar que a vida nem sempre é do jeito que a gente quer. É inevitável perder a fé: depois de ser contratada tantas vezes para projetar a ideia de que um cliente é encantador, equilibrado e emocionalmente disponível, um ser humano capaz de manter um relacionamento de médio prazo com outro adulto igualmente funcional, a fim de... Bem, aí varia. Nunca perguntei a Greg por que Caroline Smith é tão obcecada com a ideia de seu filho de 30 anos ter uma

namorada. Com base em trechos de conversas ouvidas dentro do Universo Cinemático dos Smiths, suspeito que tenha a ver com a imensa herança que estará em jogo assim que a matriarca morrer, por Caroline acreditar que, caso ele forneça o primeiro bisneto da família, seja mais provável que herde... uma mangueira de água cravejada de diamantes, eu acho?

Pessoas ricas... São gente como a gente.

Mas a mãe intrometida de Greg ainda é muito melhor do que o irmão dele, desagradável por uma série de razões que não vale a pena mencionar. Sinceramente, é um alívio que *ela* seja meu alvo. Isso significa que, quando a porta da Mansão Smith se abre, posso me concentrar apenas nela: a mulher retraída e com coração palpitante que consegue nos cumprimentar com beijinhos no ar, bagunçar o cabelo de Greg e colocar duas taças cheias de vinho em nossas mãos, tudo de uma vez só.

– Como vai a vida no mundo das finanças, Gregory? – pergunta Caroline ao filho. Ele vira metade do vinho de um só gole; suspeito que seja porque já o ouvi explicar que, na verdade, não trabalha com finanças. Pelo menos quatro vezes. – E você, Elsie? – acrescenta ela, sem esperar por uma resposta. – Como vão as coisas na biblioteca?

Seguindo as diretrizes do Faux, não digo nada sobre mim a meus clientes – meu nome completo, o que faço da vida, minha verdadeira opinião sobre coentro (é excelente se você gosta de comer sabonete). E, resumindo, é isso que significa ser uma namorada de mentira. A princípio, parecia duvidoso que as pessoas fossem pagar por um encontro falso na era do Tinder e do Pornhub e que pagariam a *mim* – Elsie Hannaway, nada notável, mediana em tudo. Altura mediana. Cabelos e olhos castanho-médio. Nariz, bunda, pés, pernas, seios medianos. Bonita, sim, claro, mas de uma forma mediana e discreta. Mas minha medianidade mediana é a lousa em branco perfeita a ser preenchida. Uma tela vazia a ser pintada. Um espelho, refletindo apenas o que os outros querem projetar. Um pedaço de tecido que pode ser costurado sob medida para... Bem, tenho certeza de que todo mundo está conseguindo acompanhar a metáfora.

A Elsie que Caroline Smith quer é alguém capaz de se dar bem com

pessoas que usam comumente o verbo *veranear*, pouco chamativa o suficiente para não atrair um cara melhor do que Greg e com instintos protetores para cuidar do filho que ela até pode amar, mas não se dá ao trabalho de conhecer. Bibliotecária infantil parecia uma excelente profissão falsa. Tem sido divertido vasculhar fóruns on-line em busca de anedotas fofas.

– Hoje eu encontrei três biscoitinhos dentro do nosso melhor exemplar de *Matilda* – digo com um sorriso. *Ou pelo menos o usuário iluvbigbooks, do Reddit, encontrou.*

– Isso é *hilário* – diz Caroline sem rir, sorrir nem demonstrar ter achado um pingo de graça. Então ela se aproxima, sussurrando como se seu filho, que está a trinta centímetros de distância, não pudesse nos ouvir: – Nós estamos *tão* felizes por você ter vindo, Elsie. – Esse *nós*, creio eu, inclui o pai de Greg, parado em silêncio ao lado dela, colocando três cubos de queijo Colby-Jack na boca com o sorriso vago de alguém acostumado a devanear desde 1999. – Estávamos tão preocupados com o Gregory. Mas agora ele está com você e nunca estive tão feliz. – *Será mesmo?* – Gregory, tente passar bastante tempo com a sua avó hoje. Izzy está tirando umas fotos com a Polaroid para dar a ela no final da noite... Certifique-se de estar em *todas* elas.

– Eu vou garantir que ele esteja, Sra. Smith – prometo, entrelaçando o braço no de Greg.

Quebro a promessa quinze segundos depois, no final do deslumbrante corredor. Ele vira o que resta do vinho, rouba dois grandes goles da minha taça e, antes de se trancar no banheiro, sussurra:

– Te vejo daqui a dez minutos.

Dou uma risada e o deixo em paz. Eu me sinto protetora em relação a ele, o suficiente para quebrar o protocolo do Faux e repetir os encontros, o suficiente para querer defendê-lo de assaltantes e piratas e de familiares distantes. Talvez seja porque a primeira frase que ele me disse – “Minha mãe não para de perguntar por que eu não namoro” – estava tomada de pânico e foi seguida de uma explicação hesitante e exaustiva de por que *isso* não

aconteceria tão cedo; uma explicação com a qual me identifiquei até demais. Talvez seja porque ele sempre parece se sentir exatamente como eu me sinto: cansada e sobrecarregada. Em outra linha do tempo, seríamos melhores amigos, unidos por conta das inevitáveis úlceras de estresse que logo destruirão nosso estômago.

Encontro a cozinha vazia, entro e observo o redemoinho vermelho escorrendo pelo ralo enquanto despejo o que sobrou da minha taça na pia. Um desperdício. Eu deveria ter recusado, mas isso levaria a perguntas, e não quero explicar que o álcool é um perigoso terrorista glicêmico e que meu pâncreas debilitado *não* negocia com...

– Não gostou?

Dou um pulo. E um gritinho. E quase deixo cair a taça, que provavelmente custou mais do que a minha pós-graduação.

Achei que estivesse sozinha. Eu não estava sozinha? Eu *estava* sozinha. Mas o irmão mais velho de Greg está no recinto, encostado na bancada de mármore, os braços cruzados. Seus característicos olhos multicoloridos estão me encarando com a mesma expressão inescrutável de sempre. Estou parada entre ele e a única entrada – ou não percebi que ele estava ali, ou ele fez uma dobra no espaço-tempo.

Ou eu o confundi com a geladeira. Afinal, eles são *praticamente* do mesmo tamanho.

– Você tá bem? – pergunta ele.

– Eu... Sim. Sim, desculpa. Eu só... – Forço um sorriso. – Oi, Jack.

– Oi, Elsie.

Ele diz meu nome como se fosse familiar para ele. A primeira palavra que aprendeu. Um ato instintivo, não apenas um monte de vogais e consoantes que mal teve motivos para usar antes. Ele não sorri, claro. Bem, ele *sorri*, mas nunca para mim. Sempre que estamos no mesmo local, ele é uma presença imponente, assomante e severa, cujo principal passatempo parece ser me julgar indigna de Greg.

– Não gostou do vinho?

– Não é isso.

Hesito um pouco, nervosa. Há uma tatuagem em seu antebraço, aparecendo discretamente sob a manga arregaçada da camisa. Porque é claro que ele está vestindo jeans e uma camisa xadrez, embora o convite enviado por e-mail informasse especificamente que o traje deveria ser semiformal. Mas ele é Jack Smith. Pode fazer o que quiser. Provavelmente tem uma autorização esculpida naqueles bíceps ridículos dele. Carimbada na parte azul de seu olho direito, que se destaca vividamente no castanho de suas íris.

– O vinho estava ótimo – digo, me recompondo. – Mas tinha uma mosca na taça.

– Ah, é?

Ele não acredita em mim. Não sei como sei disso, mas sei. E ele sabe que eu sei. Dá para ver. Não... Dá para *sentir*. Um formigamento na base da minha coluna, que parece escorrer, vívido e quente. *Cuidado, Elsie*, diz a sensação. *Ele vai mandar prender você por cometer um crime contra as uvas. Você passará o resto da vida em um presídio federal. Ele vai te visitar uma vez por semana só para ficar te olhando através da divisória de acrílico e te deixar desconfortável.*

– Izzy deve estar atrás de você – digo, torcendo para me livrar dele. – Ela tá lá em cima.

– Eu sei – responde ele, mas *nem se mexe*.

Jack apenas me observa, atento, calmo, como se soubesse algum segredo a meu respeito. Que eu uso fio dental uma vez por semana, no máximo. Que não consigo entender o que é o Dow Jones, mesmo depois de ler o verbete da Wikipédia. Ou outras coisas mais assustadoras e *sombrias*.

– Sua namorada veio? – pergunto para preencher o silêncio.

Uma vez, ele trouxe uma moça para uma festa de família. Geóloga. A mulher mais linda que já vi. Fofa. Engraçada também. Queria poder dizer que ela era areia demais para o caminhãozinho dele.

– Não.

Silêncio mais uma vez. Continuamos a nos encarar. Sorrio para ele não ver que meu maxilar está agressivamente travado.

– Faz tempo que não te vejo.

– Desde o feriado do Dia do Trabalho, em setembro.

– Ah, é. Tinha esquecido.

Eu não tinha esquecido. Tirando hoje, já encontrei com Jack duas vezes, apenas duas vezes, e ambas estão teimosamente encravadas em meu cérebro, de forma tão agradável quanto folhas de espinafre presas entre os molares.

A primeira foi no jantar de aniversário de Greg, quando Jack e eu trocamos um aperto de mãos e ele me ofereceu um breve aceno de cabeça, depois passou a noite me lançando olhares longos e perscrutadores e o ouvi perguntar a Greg: “Onde você conheceu ela?” e “Há quanto tempo vocês estão juntos?” e “É sério mesmo?”, com um tom inquisitivo e fingidamente casual que provocou um estranho arrepio na minha coluna.

Ou seja, Jack Smith não era meu fã. Muito bem. Tá certo, então. Beleza.

E aí houve a segunda vez. No final do verão, na festa na piscina que os Smiths deram no feriado do Dia do Trabalho, na qual não entrei na água. Porque de biquíni é impossível esconder meu sensor de glicemia.

Não tenho vergonha de ser diabética. Tive quase duas décadas para fazer as pazes com meu sistema imunológico hiperativo, que se diverte demais destruindo células necessárias. Mas a reação das pessoas ao saber que preciso injetar insulina em meu corpo regularmente pode ser imprevisível. Quando fui diagnosticada (aos 10 anos, após uma convulsão no ginásio da escola que me rendeu o apelido cruel, mas pouco criativo, de Elsie Tremelique), ouvi meus pais conversando aos cochichos atrás das cortinas divisórias do quarto do hospital.

– *Agora essa também. – Mamãe soou exausta.*

– *Eu sei. – Papai soou igual. – Só pode ser nossa culpa. Lance tá pra ser reprovado na escola. Lucas vai acabar preso uma hora dessas por arrumar briga no estacionamento de um Walmart qualquer. Claro que a única criança tranquila que a gente criou tinha que ter alguma coisa.*

– *Não é culpa dela.*

– *Não.*

– *Mas vai ser caro.*

– *Vai.*

Não julgo meus pais: meu irmão Lance foi *mesmo* reprovado no ensino médio (e hoje em dia ganha muito bem como eletricista), assim como Lucas acabou *mesmo* sendo preso (embora tenha sido nos fundos de um Shake Shack e por posse de drogas que hoje em dia são legais). Mamãe e papai estavam cansados, sobrecarregados. Meio pobres. Eles torciam por um respiro, algo que pela primeira vez na vida fosse fácil, e fiquei realmente triste por não proporcionar isso a eles. Para compensar, tentei tornar meus problemas de saúde – e quaisquer outros problemas subsequentes – o mais ignoráveis possível.

Acho que as pessoas gostam mais de mim se não têm que gastar energia emocional comigo.

Foi por isso que não entrei na piscina durante a festa dos Smiths, optando por ficar sentada em uma manta e comer uma fatia de bolo, com um sorriso artisticamente montado no rosto. Por isso calculei mal os carboidratos que comi e a insulina de que precisaria. E por isso saí cambaleando pelo jardim da casa de férias dos Smiths, que mais parecia saída do filme *Manchester à beira-mar*, com a glicose nas alturas, visão embaçada, cabeça latejando, tentando lembrar onde havia colocado meu celular para poder ajustar minha taxa de insulina e...

Dei de cara com Jack.

Literalmente. Eu não o vi e dei com o rosto no peito dele, como se fosse um gigantesco buraco negro. Não era. Um buraco negro, quero dizer. Era gigantesco, no entanto.

– *Elsie?* – *Aff.* *A voz dele.* – *Você tá bem?*

– *Sim. Sim, eu...* – *Vou vomitar.*

Ele segurou meu rosto, me examinando.

– *Quer que eu chame o Greg?*

– *Não precisa...* – *Senti uma dor lancinante na cabeça.*

– *Eu vou chamar o Greg.*

– *Não... não chama o Greg, por favor.*

Ele fez uma careta.

– *Por quê?*

– *Porque...* – Porque uma boa namorada de mentira exige pouco de seus parceiros. Elas sorriem, não têm opinião sobre coentro e nunca, jamais, arrastam o namorado de uma festa na piscina. – *Você pode... Eu preciso ir ao banheiro e... do meu celular...*

Um segundo depois, eu estava em um banheiro que parecia um spa de luxo, com a bolsa no colo. E adoraria dizer que não me lembro de como cheguei lá, mas tenho uma vaga memória, uma lembrança de braços fortes me levantando; de ser carregada, flutuando feito um pássaro; de um hálito quente em minha têmpora, murmurando palavras das quais não consigo me lembrar.

E, infelizmente, foi isso que aconteceu. Jack foi gentil e prestativo? Foi. Ele acreditou na história que mais tarde inventei sobre não querer incomodar Greg com minhas enxaquecas? Acho que não, levando em consideração seu olhar cético, frio e insistente. Talvez ele suspeite que eu estivesse drogada. Talvez tema que eu contamine a linhagem Smith com meus fracos genes suscetíveis a dores de cabeça. *Certamente* ele acredita que o irmão pode arrumar coisa melhor.

Mas não importa: Jack não é meu alvo, sua mãe, sim. Isso é bom, porque não faço a menor ideia de quem é a Elsie que Jack quer.

Essa é uma situação sem precedentes. Sou profissional em captar pistas, mas Jack... ele não deixa *nada* transparecer. Não sei o que aumentar, o que diminuir; o que esconder e o que fingir; que personalidade sacrificar em seu nome. É como se ele estivesse tentando me decifrar sem provocar nenhuma mudança em mim – e isso é impossível. As pessoas não são assim, não comigo.

Então, quando ele pergunta “Como você está, Elsie?”, com um tom que parece um pouco curioso demais, sorrio da forma mais neutra possível.

– Como sempre. Ótima. – *Não estou prestes a desmaiar em cima de você, pelo menos.* – E você? Como estão as coisas no trabalho?

Ele é uma espécie de professor de educação física, Greg mencionou. Não é de surpreender, já que a aparência dele é de alguém que usa adesivo com propaganda de crossfit no carro e toma shakes de proteína enquanto lê a

coluna de powerlifting da *Men's Health*. Os outros Smiths são esguios, de cabelos castanhos e um pouco mirrados. E aí aparece esta muralha com cabelos cor de areia, trinta centímetros mais alto que seu parente mais alto, com traços masculinos clássicos e voz grave e cortante. Minha teoria: enfermeira sobrecarregada, troca de bebês na maternidade.

– Tá tendo um bom semestre?

Ele resmunga algo incompreensível e então responde:

– Não matei nenhum aluno. Ainda.

Surpreendentemente, me identifico.

– Parece uma vitória.

– Não pra mim.

Merda. Ele está me fazendo sorrir.

– Por que você quer matar seus alunos?

– Eles reclamam de tudo. Não leem o programa da disciplina. – Programa da disciplina de educação física? O currículo do meu professor de educação física incluía apenas nos constranger por não conseguirmos escalar uma corda. A educação está avançando. – Eles mentem.

Engulo em seco.

– Mentem sobre o quê?

– Várias coisas. – Os olhos dele brilham, seus lábios se contorcem, seus ombros se avolumam sob a camisa e...

Eu costumava achar – não, eu costumava *ter certeza* – que caras de cabelos claros não eram atraentes. Na pré-adolescência, todo mundo morria de amores pelo Legolas, mas eu era fã do Aragorn. Nos questionários do BuzzFeed sobre “De qual casa de *A Guerra dos Tronos* você é?”, nunca dava Targaryen. Odeio olhar para Jack Smith, com seu belo maxilar, suas belas covinhas e aquelas belas mãos, e achá-lo bonito.

Acho que simplesmente não vou olhar. Isso, excelente plano.

– Com licença – digo, educadamente. – Aposto que Greg está procurando por mim.

Eu me viro antes que ele possa responder, imediatamente sentindo que consegui me libertar de uma singularidade espaço-tempo.

Ufa.

A sala de estar fica a alguns corredores e curvas de distância, é grande, mas está lotada, bonita apesar da superabundância de pinturas navais e do mobiliário pesado de couro. Passo alguns minutos assegurando à tia de Greg que vamos consultá-la antes de escolher o bufê do casamento; fingindo não notar tio Paul passando a língua nos lábios enquanto olha para mim; conversando amigavelmente com uma série de primos sobre o tempo, o trânsito e as tomadas ruins de *Crepúsculo*. A aniversariante abre os presentes junto à lareira, dizendo a uma das noras: “Cupom para um banho de lama? Maravilha. Vai ser um treinamento para quando descerem meu caixão ao túmulo e vocês começarem a brigar pelo meu dinheiro.”

Isso é a cara de Millicent Smith: na primeira vez que nos vimos, ela colocou as mãos nos meus ombros e disse: “Ter filhos foi o pior erro da minha vida.” Seu filho mais velho estava parado ao lado dela. Ainda não me decidi se ela é uma megera de fato ou apenas involuntariamente cruel. Enfim, ela é minha Smith favorita.

Afasto-me, sorrindo, e vou parar junto ao tabuleiro de *Go* com uma partida largada pela metade, no canto da sala. Está assim desde a minha primeira visita, os quadrados de madeira e as pedras de porcelana um tanto incongruentes com a decoração litorânea. Greg está conversando com o pai e me pergunto se vamos embora logo. Tenho 33 redações sobre vibrações, ondas e ótica para corrigir, o que certamente me fará sonhar com uma morte violenta. Um teste de múltipla escolha sobre fundamentos da ciência dos materiais para elaborar. E, claro, a apresentação da minha pesquisa para preparar. Eu quero – não, eu *preciso* – mandar muito bem. Não tenho espaço para errar, pois essa é a minha chance de sair desta vida em que passo as noites em namoros de mentira e meus dias trocando e-mails com sexxy.chad.420@hotmail.com discutindo se a alergia a glúten de sua chinchila é motivo para dispensá-lo da prova de Introdução à Física. Vou ter que ensaiar a apresentação no mínimo onze vezes – ou seja, o número de dimensões de acordo com a Teoria-M, minha versão favorita da teoria das supercordas e...

– Sabe jogar?

Levo um susto. *De novo*. Jack está parado do outro lado do tabuleiro, os olhos escuros me analisando. Todos os seus parentes estão aqui, por que ele está perdendo seu precioso tempo importunando a namorada de mentira do irmão quando poderia estar com a família?

– Elsie? – Meu nome, de novo. Dito como se o universo tivesse feito aquela palavra só para ele. – Eu perguntei se você sabe jogar. – Ele parece estar se divertindo. Odeio ele.

– Ah. Hmm, um pouco. – Eufemismo. *Go* é um jogo perturbador e penosamente complexo, portanto a atividade extracurricular escolhida por muitos físicos. – E você?

Jack não responde. Em vez disso, acrescenta algumas pedras brancas ao tabuleiro.

– Ah, não. – Balanço a cabeça. – É o jogo de outra pessoa. A gente não pode...

– Você fica com as pretas, pode ser?

Na verdade, não. Mas engulo em seco e, hesitante, pego as pedras e as coloco no lugar. Meu orgulho joga um belo cabo de guerra contra meus instintos de sobrevivência: não vou esconder minhas habilidades no *Go* e deixar Jack vencer, mas, até onde sei, perder pode transformá-lo em um bisão cuspidor de fogo que vai incinerar as paredes. Não quero morrer no desabamento de uma casa ao lado de Jack Smith e seu tio obcecado por sexo a três.

– Como o Greg tá? – pergunta ele.

– Tá ali, com o seu primo – respondo distraidamente, observando-o colocar mais pedras sobre o tabuleiro.

Suas mãos são absurdamente grandes. Mas também graciosas, o que não faz sentido. Outra coisa que também não faz sentido? Há duas cadeiras, mas não estamos sentados.

– Mas *como* ele está?

De acordo com a minha humilde experiência, irmãos, na melhor das hipóteses, se toleram e, na pior, cospem chiclete no cabelo um do outro. (Os

meus irmãos. No *meu* cabelo.) Jack e Greg, porém, são próximos, por razões inimagináveis, visto que Greg é um adorável desastre humano cheio de energia caótica, enquanto Jack... Não sei exatamente qual é o lance dele. Tem um quê de bad boy, uma pitada de mistério, uma dose de suavidade. Além de certa voracidade, um ar rústico, bruto. E o mais importante: ele parece *descolado*. Descolado demais até para *ser* descolado. Como se no ensino médio ele tivesse trocado a festa de formatura por uma exposição de arte no Guggenheim e, mesmo assim, ainda conseguisse ser eleito rei do baile.

Jack parece distante. Desinteressado. Confiante por natureza. Carismático de uma maneira intrigantemente opaca e inacessível.

Mas ele gosta de Greg. E Greg, dele. Eu o ouvi dizer, com meus próprios ouvidos, que Jack é seu “melhor amigo”, alguém em quem “pode confiar”. Mas, como sou uma namorada de mentira muito solidária, escutei tudo sem apontar o fato de que no fundo ele *não confia* em seu *melhor amigo* Jack, caso contrário seria sincero com ele sobre o namoro falso.

– Greg tá bem. Por que a pergunta?

– Quando a gente conversou outro dia, ele parecia estressado com o Woodacre.

Com... o quê? Isso é algo que a namorada de Greg deveria saber?

– Ah, sim – disfarço. – Um pouco.

– Um pouco?

Eu me ocupo com as pedras. Não estou ganhando com a facilidade que esperava.

– Tá melhorando. – Tudo melhora com o tempo, certo?

– Tá?

– Muito. – Assinto com entusiasmo.

Ele meneia a cabeça também. Com menos entusiasmo.

– Sério?

Jack até que não é *ruim* em *Go*. Como assim ainda não acabei com ele?

– Sério.

– Pensei que o Woodacre fosse daqui a alguns dias. Achei que o Greg estivesse chateado.

Fico tensa. Talvez eu devesse ter perguntado a Greg sobre os tópicos de conversa.

– Ah, é verdade. Agora que você mencionou...

– Me ajuda com uma coisa, Elsie. – Ele dá um pequeno passo para mais perto do tabuleiro, assomando sobre mim como uma torre imponente. Mas eu não me dobro. Eu *me recuso* a me dobrar. – O que é mesmo o Woodacre?

Merda.

– É... – Tento manter uma expressão descontraída. – Woodacre, ué.

Jack me lança um olhar de *não mete essa*.

– Isso não diz nada, né?

– É... – Dou um pigarro. – É uma coisa em que o Greg tá trabalhando. – O quanto eu sei sobre o trabalho de Greg? Que ele é um cientista de dados. – Não sei os detalhes. É alguma coisa complicada envolvendo ciência.

Sorrio alegremente, como se não passasse a vida construindo modelos matemáticos complexos para descobrir as origens do universo. Meu coração aperta.

– Alguma coisa complicada envolvendo ciência. – O olhar de Jack parece descascar minha pele como se eu fosse uma banana meio podre.

– É. Pessoas como eu e você não íamos entender.

Ele franze a testa.

– Pessoas como eu e você.

– É, tipo... – Mantenho os olhos nos dele e pouso outra pedra no tabuleiro. – Números são *bem* complicados...

Fecho a boca de repente. Acho que nos movemos para o mesmo quadrado. Meus dedos roçam os de Jack e algo elétrico e não identificável percorre meu braço. Fico esperando que ele se afaste, mas ele não o faz. Mesmo sendo a *minha* vez. Não era *minha* vez? Eu tenho certeza de que...

– Ora, ora, acho que temos um empate.

Recuo a mão. Millicent está ao meu lado, olhando para o tabuleiro. Sigo seu olhar e quase engasgo, porque... ela tem razão.

Eu *não dei* uma surra no maldito Jack Smith.

– Faz muito tempo desde a última vez que Jack perdeu uma partida – diz

Millicent com um sorriso satisfeito.

Faz muito tempo desde a última vez que eu perdi uma partida. Como assim? Ergo o olhar para Jack – ainda me encarando, ainda franzindo a testa, ainda me julgando silenciosamente. Meu cérebro fica vazio. Entro em pânico e deixo escapar a primeira coisa que vem à mente.

– Existem mais posições válidas no *Go* do que átomos no universo conhecido.

Ouçó alguém bufar.

– Tem uma pessoa que me fala isso desde que ainda usava fraldas. – Millicent olha astutamente para Jack, que está imóvel. *E ainda. Está. Me. Encarando.* – Você e Elsie formam um ótimo casal. Embora, Jack, meu querido, ela devesse assinar um acordo pré-nupcial.

Não entendo imediatamente sobre o que ela está falando. Então entendo, e fico completamente vermelha.

– Ah, não. Sra. Smith, eu... eu sou namorada do Greg. Seu *outro* neto.

– Tem certeza?

O qu ê?

– Eu... tenho. Claro.

– Não parece. – Ela dá de ombros. – Mas quem sou eu para julgar não é mesmo? Sou uma velha doida de 90 anos que fica chafurdando na lama.

Observo enquanto ela se arrasta em direção à mesa de canapés. Em seguida, me viro para Jack, dando uma risada nervosa.

– Uau. Isso foi...

Ele *ainda* está olhando fixamente. Para mim. Seriadamente. Atentamente. Heterocromia setorialmente. Como se eu fosse interessante, muito interessante, muito, *muito* interessante. Abro a boca para perguntar o que está acontecendo. Para exigir uma revanche até a morte. Para implorar que ele pare de contar os poros do meu nariz. E é quando...

– Ei, vocês dois, sorriam!

Viro a cabeça e o flash da Polaroid de Izzy me cega instantaneamente.



– O aniversário de casamento dos meus pais, no mês que vem, deve ser a última vez que vou precisar te levar junto. – Greg liga a seta para a direita e entra no estacionamento do meu prédio. – Depois, vou dizer pra mamãe que você terminou comigo. Que eu implorei pra gente continuar. Fiz uma serenata. Comprei um caminhão de bichos de pelúcia. Tudo em vão.

Eu faço que sim, solidária.

– Você está de coração partido. Inconsolável demais pra namorar outra pessoa.

– Talvez precise encontrar consolo em uma playlist do Spotify.

– Ou fazer mechas no cabelo.

Ele faz uma careta. Dou risada e, uma vez que o carro para, eu me apoio na porta do passageiro para analisar seu belo perfil sob as luzes amarelas.

– Fala pra ela que eu te traí com o entregador de comida. Isso vai te dar o direito de sofrer por mais tempo.

– Genial.

Ficamos em silêncio enquanto penso na situação de Greg. A razão para ele ainda precisar de uma namorada de mentira. Tudo que ele se sentiu à vontade para *me* contar, uma desconhecida, em vez de contar à própria família. Como somos parecidos.

– Depois que isso tudo acabar, se você precisar... se você *quiser* conversar com alguém. Uma amiga. Eu adoraria...

Seu sorriso é genuíno.

– Obrigado, Elsie.

Saio do carro, o gelo estalando sob o salto da minha bota, e logo me viro.

– Ah, Greg?

– Oi?

– O que é Woodacre?

Ele dá um resmungo e recosta a cabeça no banco.

– É um retiro de meditação silenciosa que nosso chefe tá forçando a gente

a fazer. Vamos partir amanhã... Quatro dias sem contato com o mundo exterior. Sem e-mail, sem Twitter. Ele roubou a ideia de uma newsletter da Goop.

Ah.

– Então não tem nada a ver com... coisas complicadas envolvendo ciência?

Ele me lança um olhar desesperado.

– Pelo contrário. Por quê?

– Ah... – Fecho os olhos. Deixo a vergonha cravar as presas em meu cérebro. – Por nada. Boa noite, Greg.

Fecho a porta do passageiro, aceno sem entusiasmo e deixo o ar gelado entrar em meus pulmões. A Estrela Polar pisca para mim do céu, e eu me lembro da entrevista de emprego de amanhã.

Não importa se esta noite fiz papel de boba com o irmão irritante de Greg. Com um pouco de sorte, talvez eu nunca mais veja Jack Smith.



2

FISSÃO NUCLEAR

De: sexxy.chad.420@hotmail.com
Assunto: Re: Re: Re: Minha chinchila

Oi, Dra. H.,

Eu entendo que você não se importa com a alergia a glúten do Chewie McChewerton, mas e com o fato de ontem à noite eu ter sido pego dirigindo bêbado? Isso me livra do primeiro teste de Introdução à Física?

Chad

De: McCormackE@umass.edu

Assunto: não posso ir na aula

em anexo foto do meu vômito de hoje de manhã

Emmett

De: Dupont.Camilla@bu.edu

Assunto: Redação com reflexões sobre o Mercador de Veneza

Dr. Hannaday,

Queria saber se você poderia me dar um feedback rápido em relação ao que escrevi sobre a imagética do caixão de chumbo. O arquivo de Word está anexado.

Atenciosamente,

Cam

De: michellehannaway5@gmail.com

Assunto: ELSIE ENTRE EM CONTATO COMIGO O MAIS RÁPIDO POSSÍVEL SEUS IRMÃOS ESTÃO SENDO COMPLETAMENTE IRRACIONAIS DE NOVO E PRECISO DE AJUDA TENTEI LIGAR ONTEM À NOITE MAS NINGUÉM ATENDEU

[não há mensagem no corpo do e-mail]

De: Monica.Salt@mit.edu

Assunto: Entrevista do MIT – Vaga para o corpo docente

Prezada Dra. Hannaway,

Gostaria de reforçar o quanto estou entusiasmada por você ser entrevistada para um cargo de professora titular aqui no Departamento de Física do MIT. Estamos extremamente impressionados com seu currículo e reduzimos nossas opções a você e outro candidato.

O comitê de seleção e eu estamos ansiosos para conhecê-la informalmente esta noite, durante o jantar no Miel, antes de sua entrevista de amanhã no campus.

Se estiver tudo bem por você, gostaria que nós duas nos encontrássemos a sós alguns minutos antes do jantar no Miel para conversar um pouco. Há algumas coisas que eu gostaria de lhe explicar.

Abraços,
Monica Salt, Ph.D.
Professora de Física no A. M. Wentworth
Chefe do Departamento de Física
MIT

Meu coração dispara de emoção.

Apoio meu chá na mesa da cozinha e clico em Responder, para garantir a Monica Salt que sim, claro, *com certeza* vou encontrá-la quando e onde ela quiser, mesmo que seja nas planícies de Mordor às duas e quinze da manhã, porque ela detém a chave para o meu futuro. Mas, no segundo em que minha mão se fecha em torno do mouse, uma dor excruciante apunhala minha palma e sobe pelo meu braço.

Dou um grito e pulo da cadeira.

– Mas que porr...?

– Cadê eles? *Cadê eles?* – Minha colega de quarto entra cambaleando na cozinha, vestindo um pijama de macacão e uma máscara de dormir com a cara do Noam Chomsky levantada até a testa. Para completar, está sacudindo um taco de beisebol de plástico feito uma louca. – Vão embora agora ou eu vou ligar pra polícia! Isso é invasão de propriedade!

– Ceci...

– Uma contravenção e um crime! Vocês vão ser presos por agressão! A minha prima vai tirar a carteira da ordem este ano e vai processar vocês em *milhões* de dólares...

– Ceci, não tem ninguém aqui.

– Ah. – Ela gira o taco mais algumas vezes, piscando feito uma coruja. – Por que a gente tá gritando, então?

– *Talvez* porque seu porco-espinho tenha decidido se passar pelo meu mouse.

– Ouriço. Você sabe que ela é um ouriço.

– Sei?

Ela boceja, jogando o taco de volta na direção do seu quarto, mas erra o alvo e ele quica pelo piso de linóleo lascado.

– É menor. Mais bonita. Mais espinhuda. Além disso, Ouriçabeth Bennet? Isso não é nome de porco-espinho.

– Tá certo. Desculpa. – Coloco a mão sobre o peito. – A dor lancinante me deixou um pouco nervosa.

– Tudo bem. A Ouriça é muito gentil, ela perdoa você. – Ceci a pega. – Não perdoa? Você perdoa a Elsie por confundir você com um porco-espinho, bebê?

Olho feio para Ouriça, que me encara com seus olhos redondos e triunfantes. Aquela almofada de alfinetes de alma maligna. *Vou fritar você com cebolinha*, falo para ela sem emitir som.

Os espinhos dela inflam um pouco, juro por Deus.

– Onde você estava ontem à noite? – pergunta Ceci, felizmente alheia a nossa guerra interespécies. Eu me pergunto o que o fato de a melhor amiga da minha melhor amiga ser um ouriço diz a meu respeito. – Faux? Aquele tal de Greg?

– Isso.

– Como foi?

– Bom. – De repente, lembro-me de *não* ter esmagado Jack Smith feito um ovo. – É, foi tudo bem. E você?

Ceci e eu começamos a trabalhar como namoradas de mentira durante a era das trevas financeira e emocional de nossas vidas: a pós-graduação. Eu estava reduzida a dois pares de meias descombinadas, vivendo de teoremas de cosmologia computacional e macarrão instantâneo. Olhando agora para trás, percebo que estava perigosamente perto de desenvolver escorbuto. Então, em uma noite escura e tempestuosa, enquanto pensava em vender uma válvula cardíaca, meu ex-amigo J.J. me mandou uma mensagem com

um link para a página de recrutamento do Faux. A legenda era um emoji dando risada, aquele com lágrimas saindo dos olhos, e um mero “Dá uma olhada! É tipo aquilo que a gente fazia na faculdade”.

Fiz uma careta, como sempre acontece quando me lembro da existência de J.J., e nunca respondi. Mas notei que o valor pago por hora era alto. E entre ser professora adjunta de Cálculo Multivariável, formar opinião sobre gravidade quântica em loop e tentar não socar meus colegas do sexo masculino por presumirem constantemente que *eu* deveria preparar o café *deles*, me vi criando um perfil. Depois veio a entrevista. Em seguida, um *match* com meu primeiro cliente, um idiota de 20 anos que me lançou um olhar suplicante e perguntou:

– *Você consegue fingir ter a minha idade? E ser canadense? Nós nos conhecemos no oitavo ano em um acampamento de verão e seu nome é Klarissa, com K. Além disso, se alguém perguntar, eu não sou virgem.*

– *Tem chance de alguém perguntar?*

Ele refletiu por alguns segundos.

– *Se ninguém perguntar, será que você poderia mencionar isso casualmente?*

Acabou não sendo *tão* ruim assim, então perguntei a Ceci se ela também tinha interesse em experimentar. Juro que não a odeio secretamente. Foi só a única coisa em que consegui pensar ao perceber que nós duas tínhamos feito a escolha de carreira mais estúpida possível (ou seja, a academia). Somos superqualificadas e mal temos dinheiro para sobreviver – como evidenciado por nosso apartamento de merda, cheio de fios expostos e aranhas assustadoras que parecem um cruzamento de vespas-mandarinas e caranguejos-eremitas. Se tivéssemos um grupo de amigos tipo aqueles de séries de TV, daríamos uma festa para remover o amianto. Infelizmente, somos apenas nós. E o escorbuto que por pouco conseguimos evitar.

– Então... – começa ela, roubando minha caneca de chá e se sentando na bancada. Eu deixo: não preciso de cafeína após a agonia de mil agulhas me perfurando. – Eles me passaram um cara...

– Qual o problema dele?

Significado: *Que trauma profundo e devastador tirou esse pobre coitado do pântano primordial e o fez desembolsar pilhas de dinheiro para fingir que não está sozinho?*

– Ele é um dos seus.

– Dos meus?

– Das exatas.

Ceci é linguista, está terminando o doutorado em Harvard. Nós nos conhecemos quando seu ex-colega de quarto se mudou: aparentemente, Ouriça havia comido uma das cuecas boxer dele. E também porque, aparentemente, tocar “Immigrant Song” enquanto prepara ovos pochê nas manhãs de sábado não é algo que pessoas normais toleram. Ceci estava desesperada para encontrar alguém que a ajudasse com o aluguel. Parecia que eu tinha acabado de ser esfolada viva, estava louca para não morar mais com J.J. Duas almas desesperadas que se encontraram em tempos de desespero e se uniram desesperadamente – além disso, eu conseguia arcar com setecentos dólares por mês, não era apegada às minhas roupas de baixo e tinha fones de ouvido com cancelamento de ruído.

Para ser sincera, eu dei sorte. Rixas entre colegas de quarto são um saco, considerando as mensagens passivo-agressivas e o envenenamento agressivo-agressivo por produto de limpeza. Eu estava pronta para me desdobrar, me contorcer e esculpir minha personalidade de um milhão de maneiras diferentes a fim de me dar bem com Ceci. Acontece que a Elsie que Ceci deseja é convenientemente próxima da Elsie que eu sou: alguém que se entope de queijo junto com ela enquanto falamos mal da academia; que, como ela, *opta* pelo Tylenol infantil porque tem gosto de uva. Tenho que fingir gostar de cinema experimental, mas ainda assim é uma amizade surpreendentemente tranquila.

– Que parte das exatas? – pergunto.

– Não é tudo a mesma coisa? – O comentário dela me faz sorrir. Ceci continua: – Ele é químico. Ou engenheiro? Ele é... bonito. Engraçado. Fez uma piada sobre compostagem. Minha primeira piada envolvendo compostagem. A primeira vez é sempre especial. – Seu tom é vagamente

sonhador. – Ele só... parece alguém com quem você *gostaria* de namorar, sabe?

– Que *eu* gostaria de namorar?

– Bom – diz ela, acenando com a mão –, não *você* , você. Você prefere entrar no mar cheia de pedras nos bolsos a namorar alguém, mas isso porque você tem um conceito equivocado da sua parte de que relacionamentos românticos só funcionam se você se esconder e se moldar de acordo com o que acha que *os outros* querem que você seja...

– Não é equivocado.

– ... mas outras pessoas *não* dispensariam o Kirk.

– Kirk, é?

A princípio, temi que Ceci fracassasse miseravelmente como namorada de mentira. Para começar, ela é bonita demais. Com olhos bem separados, queixo pontudo e lábios bem delineados, sua beleza pode ser pouco convencional, mas ela parece o inseto mais sexy e deslumbrante do universo. Em segundo lugar: ela é o oposto de uma lousa em branco. Uma força da natureza que faz xixi com a porta aberta e come biscoitinhos de açúcar como se fosse cereal, cheia de anedotas infames sobre a vida sexual de linguistas mortos que ela conta com uma charmosa língua presa. Eu quase não deixo transparecer minha personalidade, mas Ceci *bombardeia* as pessoas com a dela.

E isso acabou mesmo sendo um problema: os clientes gostam demais dela.

– O que você fala quando eles te chamam pra sair de verdade? – perguntou ela uma noite. Estávamos dividindo um pedaço de queijo enquanto assistíamos a um filme mudo russo em oito partes.

– Sei lá. – Fiquei me perguntando se o cara que me ofereceu setenta dólares para transar com ele em seu carro parado ali perto se enquadrava nisso. Provavelmente não. – Isso nunca me aconteceu.

– Peraí... Jura?

– Nunca. – Dei de ombros. – Ninguém nunca me chama pra sair, na verdade.

– Impossível.

Deixei o queijo derreter na boca. Na tela, alguém estava chorando há 25 minutos.

– Acho que as pessoas não me enxergam como alguém pra namorar.

– Elas ficam intimidadas. Porque você é um gênio. E bonita. Simpática. A Ouriça te ama, e ela é a melhor juíza de caráter que existe. Além disso, você sabe *muito* sobre a Galáxia do Girino.

Verificação de fatos: nada disso é verdade, exceto a última parte. Infelizmente, listar fatos aleatórios sobre aglomerados de estrelas a quatrocentos milhões de anos-luz de distância não faz de uma pessoa um bom interesse romântico.

– Kirk perguntou se podia me contratar de novo – diz Ceci. – Semana que vem. Eu disse que sim.

– O Faux tem uma política de encontros únicos – falo, tentando soar casual.

– Eu sei. Mas você também quebrou as regras pelo Greg. – Ela dá de ombros, tentando parecer casual também. Muita casualidade em jogo. Hmm.

– Claro, pode ser que eu cancele, já que na semana que vem você vai ter seu emprego chique no MIT, e talvez eu me aposente desse lance de namoro de mentira pra me tornar sua melhor amiga sustentada.

Eu me recosto na cadeira – quero tanto, *tanto* esse emprego que dou um gemido. Minha saída dessa história de namorada de mentira. Acima de tudo, minha saída do círculo mais chato e sem graça da academia: o de professores adjuntos.

Eu sei que pareço dramática. Sei que o título evoca imagens grandiosas. *Professor?* Tem prestígio, nutre mentes, usa jaquetas de tweed. *Adjunto?* Palavra bonita, começa com a primeira letra do alfabeto, lembra vagamente um espirro. Quando digo às pessoas que sou professora adjunta de física em várias universidades de Boston, elas pensam que me dei bem na vida. Que vivo como uma adulta. E eu deixo que pensem assim. Minha mãe, por exemplo: ela tem muito com o que se preocupar, entre meu irmão idiota e meu outro irmão idiota. É bom que ela acredite que a filha é um ser humano

totalmente funcional com acesso a cuidados básicos de saúde.

Sabe o que não é bom para ela? Saber que dou nove disciplinas e me desloco entre três universidades, portanto cerca de quinhentos alunos me enviam fotos de estranhas erupções na virilha para justificar a ausência nas aulas. Que eu ganho tão pouco que é quase *nada*. Que não tenho contrato nem benefícios de longo prazo.

Entra uma triste sonata para violino.

Não é que eu não goste de ensinar. A verdade é que... Eu não gosto *nem um pouco* de ensinar. Nem um pouquinho, nada, nada *mesmo*. Estou constantemente afundando na areia movediça de e-mails dos alunos e tenho a cabeça ferrada demais para moldar mentes jovens e transformá-las em qualquer coisa que não seja aberrante. Meus sonhos de acadêmica da física sempre envolviam uma carreira integralmente dedicada à pesquisa, além de um quadro-negro e longas horas ponderando teorias sobre planos equatoriais de buracos de minhoca de Schwarzschild.

E, no entanto, aqui estou eu. Professora adjunta e namorada de mentira nas horas vagas. Carga de ensino: cem por cento. Carga de desespero: incalculável.

Mas pode ser que as coisas estejam mudando. Professores adjuntos são mão de obra barata, os peões da academia, já professores titulares... Ah, os titulares. Sinto um arrepio só de pensar nisso. Se os adjuntos flutuam como boias em mar aberto, os titulares são uma espécie de plataforma de petróleo cimentada no fundo do oceano. Se os adjuntos abrem shows do Nickelback, os titulares serão a atração principal do Coachella. Se adjuntos são fatias de queijo barato, os titulares são queijo artesanal, feito com amor a partir do leite de burras sérvias dos Bálcãs.

O que quero dizer é que já estou bancando a namorada de mentira descartável da academia há algum tempo e estou exausta. Já chega. Estou pronta para assumir um relacionamento de verdade, de preferência algo duradouro com o MIT – que, além de uma aliança, vai me oferecer um plano de aposentadoria.

A não ser que escolham o outro físico que estão entrevistando. Ah, meu

Deus. E se eles o escolherem?

– Elsie? Você tá aí se perguntando se eles vão contratar o outro candidato?

– Para de ler a minha mente, por favor.

Ceci dá risada.

– Olha só, eles não vão fazer isso. Você é foda. Passou anos de pós-graduação pensando em multiversos e equações binomiais e... prótons? – Eu ergo a sobrancelha. – Tá, não tenho a menor ideia do que você faz. Mas você deixou de lado sua vida social... e muitas vezes a higiene pessoal também... pra se *eleva*r sobre esse mar de homens brancos e medíocres que compõem a física teórica. E agora abre uma vaga de emprego este ano, *uma* vaga, e, entre centenas de candidatos, você tá na última fase...

– *Dois* vagas de emprego. Eu não consegui a entrevista pra Universidade Duke...

– Porque a Duke é um pântano nepotista e essas vagas estão sempre reservadas pra lhama da namorada do filho do primo do reitor, ou algo do tipo. – Ela pula da bancada e se senta na minha frente, estendendo a mão para segurar a minha. – Você vai conseguir esse emprego. Eu sei disso. Apenas seja você mesma durante a entrevista. – Ela morde o lábio. – A não ser que você possa ser o Stephen Hawking. Existe alguma maneira de você...

– Não.

– Então serve você mesma. – Ela sorri. – Pensa no futuro. No seu salário decente, que vai permitir que a gente contrate um carinha musculoso pra vir instalar a parte de *cima* do nosso móvel sobre a parte de *baixo* do móvel. – Ela aponta para o aparador no canto da sala. Ceci e eu paramos bem no meio da montagem. Três anos atrás. – E, é claro, vai me permitir manter o estilo de vida ao qual eu tô acostumada. Tô me referindo aos queijos.

Com Ceci, é fácil sorrir e me permitir acreditar.

– Pecorino romano ilimitado.

– E toda a insulina que seu pâncreas inútil quiser.

– Tijolos de concreto. Pra esmagar as aranhas-mandarinas-eremitas resistentes a inseticida.

- Uma pequena TV de plasma pro terrário da Ouriça.
- Tatuagens iguais de “odeio a vida acadêmica”.
- Um banheiro dourado.
- Um *bidê* dourado.

Nós suspiramos. Damos risada. Então volto à realidade.

- Eu só quero ser paga pra contemplar modelos cosmológicos do universo observável, sabe?

- Eu sei. - O sorriso dela se suaviza. - O Dr. L. acha que você tem chance?

Laurendeau - ou Dr. L., como eu jamais ousaria chamá-lo pessoalmente - foi meu orientador no doutorado e é a pessoa a quem devo cada migalha do meu sucesso acadêmico. Ele continua tão envolvido na minha carreira quanto antes de eu me formar, e agradeço sempre por isso.

- Ele tá otimista.
- Olha aí! Quantos dias vai durar o processo seletivo?
- Três.
- Começa hoje?

- Sim. Um jantar informal hoje à noite. - Penso na chefe do departamento querendo encontrar comigo mais cedo. Isso é promissor? Esquisito? Nada promissor? Não faço ideia. - Prova de aula amanhã. Uma conversa sobre minhas pesquisas e um coquetel no dia seguinte. Várias reuniões com membros do corpo docente nesse meio-tempo.

- Você tá preparada?

- “Preparada” significa meio maluca? Contemplando minha própria mortalidade? Sacrificando uma criatura viva aos deuses da academia? - Olho para Ouriça, que parece acuada.

- Você já stalkeou o comitê de seleção na internet?

- Ainda não recebi a lista com os nomes nem um itinerário detalhado. Tudo bem... Eu preciso responder a alguns e-mails. Comprar uma meia-calça. E ligar pra minha mãe.

- Não, não, não. - Ceci levanta a mão. - *Não* liga pra sua mãe. Ela só vai despejar todos os problemas dela em você. Você precisa se concentrar, não

gastar seu tempo ouvindo ela reclamar que seus irmãos estão se matando pra ver quem fica com o último cachorro-quente.

– Com uma mulher. Eles estão se matando por causa de uma mulher. –
Os Hannaways: conteúdo de primeira para o programa do Jerry Springer.

– Não importa. Me promete que, se a sua mãe ligar, você vai contar pra ela do processo seletivo. E dizer também que a sua infância foi medíocre, na melhor das hipóteses.

Reflito sobre o assunto.

– E se eu prometer evitá-la por alguns dias?

Ceci semicerra os olhos.

– Tá. Então você vai comprar uma meia-calça?

– Aham.

– Pode passar em algum lugar e comprar cereal pra mim?

Na verdade, não tenho tempo para isso. Mas o que não mata fortalece. Ou faz você se ressentir de sua incapacidade patológica de estabelecer limites, uma das duas coisas.

– Claro. Qual cereal voc...

– Não! – Ela dá um tapa na mesa. – Elsie, você tem que aprender a dizer *não* .

Eu massagueio a têmpora.

– Quer parar de me testar, por favor?

– Eu só vou parar quando *você* parar de colocar as necessidades dos outros na frente das suas. – Ela pousa sua (*minha*) caneca vazia na bancada e pega Ouriça. – Preciso fazer xixi. Você ainda quer o meu vestido vermelho emprestado pra hoje à noite?

Eu franzo a testa.

– Eu nunca pedi seu vestido emprestado...

– E, já que você insiste, também vou fazer sua maquiagem.

– Eu não preciso que...

– Tá bem, você venceu... Vou fazer suas sobrancelhas também.

Ceci dá uma piscadela. Ouriça observa, empoleirada em seu ombro feito um papagaio. A porta do banheiro se fecha depois que elas entram.

O relógio na parede marca 18h45. Suspiro e me permito uma pequena indulgência: clico duas vezes no arquivo de Word no canto superior esquerdo da tela. Rolo até o fim do artigo pela metade e depois volto para o início. O título, “Uma teoria unificada do cristal líquido bidimensional”, acena melancolicamente para mim. Por alguns segundos, deixo minha imaginação correr para um futuro próximo, no qual consigo reservar um tempo para finalizá-lo. Talvez até tentar publicá-lo.

Suspiro profundamente ao fechar o arquivo. Em seguida, passo os dedos pelas minhas sobrancelhas e volto aos e-mails.



Processos seletivos na academia são notoriamente otimizados para garantir o máximo de sofrimento do candidato. Portanto, não fico surpresa quando chego ao Miel e descubro que é um desses restaurantes com dezenas de talheres, porções tipo Lego e garçons usando frases como *Posso recomendar um Sauvignon Blanc de 1934*.

Faço um minuto de silêncio pelos queijos caros e deliciosos que vou pedir e não desfrutar, uma vez que estarei ocupada lutando pelo meu futuro: bleu d’Auvergne, brie, camembert (significativamente diferente do brie, apesar do que dizem os pagãos). Então entro no restaurante, as pernas bambas nos saltos feito as de um bezerro recém-nascido.

Não tinha meia-calça na loja, logo estou usando meias 7/8 – uma homenagem apropriada ao burlesco que é minha vida. Também tenho 56 por cento de certeza de que não deveria ter deixado Ceci me convencer a usar seu vestido vermelho-carmesim, seu batom vermelho-cardinal ou seu esmalte vermelho-lava.

– Você parece a Taylor Swift de 2013 – disse ela, satisfeita, terminando de fazer babyliiss no meu cabelo.

– Eu estava mirando mais numa Alexandria Ocasio-Cortez de 2020.

– Pois é – disse ela com um suspiro. – Todas nós.

Pego meu celular. Sob as rachaduras na tela que inexplicavelmente apresentam o formato de uma vulva – o iXota, como Ceci o chama –, vejo um e-mail de última hora do meu orientador:

Você vai impressionar todo mundo. Lembre-se: mais do que qualquer outro candidato, você tem *direito* a esta vaga.

A confiança dele é como a mão de alguém em meu ombro: reconfortantemente morna e desconfortavelmente pesada. Eu não deveria estar tão nervosa. Não porque o emprego esteja garantido – *nada* está garantido, exceto a morte, os empréstimos estudantis e o fato de que dentro da minha bolsa sempre tem uma bala Mentos de três anos de idade com uma crosta de fiapos. O que eu *tenho* é muita prática em mostrar às pessoas que sou quem elas querem que eu seja, e é disso que se trata a entrevista. Uma vez, interpretei de forma convincente uma bailarina apaixonada, ajoelhada no meio de um restaurante lotado para pedir em casamento um homem careca de meia-idade que cheirava a chulé – só para que ele pudesse negar o pedido na frente de seu arqui-inimigo do trabalho. Acho que sou capaz de convencer meia dúzia de professores do MIT de que sou uma boa física. Certo?

Não sei. Talvez. Acho que sim. Sim.

É só me concentrar no protocolo da namorada de mentira, que Ceci e eu chamamos de APE. (Bem, *eu* chamo de APE. Ceci apenas balança a cabeça e pergunta: “Qual é o problema dos cientistas? Vocês todos sofreram bullying no ensino médio?”) Primeiro, *avalia* a necessidade: o que a pessoa à minha frente quer ver? Em seguida, *planeje* uma resposta: como posso me tornar o que eles querem? E por último, *encene* ...

– Dra. Hannaway?

Eu me viro. Uma mulher de cabelos escuros me analisa enquanto ensaio mentalmente como agir feito um ser humano.

– Dra. Salt?

Seu aperto de mão é forte. Profissional.

– É um prazer conhecê-la pessoalmente.

- O prazer é meu.
- Vem, vamos para o bar.

Eu a acompanho, me sentindo um pouco tiete. A Dra. Monica Salt escreveu o manual de física teórica – literalmente. *The Salt* está na minha estante há mais de uma década. Novecentas páginas de um excelente conteúdo. Bônus: esmaga as aranhas-mandarinas-eremitas lindamente.

– Dra. Hannaway? – Ela soa assertiva. Carismática. Durota. Como eu gostaria de me sentir.

– Pode me chamar de Elsie.

– Monica, então. Estou feliz por você ter se candidatado para essa vaga. Quando vi o seu currículo, tive certeza de que alguma outra universidade já teria contratado você a esta altura.

Eu sorrio, evasiva. *Pois é, essa é a minha vida. Rebatendo ofertas de emprego com um bastão.*

– A sua tese sobre distorções estáticas em cristais líquidos na fase nemática biaxial é brilhante, Elsie.

Sinto que estou corando. Não ligo para sexo, mas talvez esse seja o meu fetiche: ser elogiada pelos principais estudiosos da minha área. Que tesão, hein?

– Gentileza sua.

– Mal acredito no quanto seu trabalho já afetou nossa compreensão de sistemas de não equilíbrio e movimento macroscópico coerente. Os cristais líquidos são um tema em voga na física teórica, e você se posicionou como um especialista.

Estou completamente lisonjeada. Bem, quase completamente: há algo em seu tom que me deixa nervosa. Algo estranho. Incômodo.

– As suas descobertas terão um impacto de longo alcance em muitos setores, de telas a exames de imagens, até entrega de medicamentos. Realmente impressionante.

Como se talvez houvesse um *mas* .

– Não consigo exaltar o suficiente o material científico que você produziu em um período tão curto.

Definitivamente há um *mas* .

– Você será um trunfo para qualquer instituição que escolher, e o MIT seria o lar perfeito para você. Quero ser sincera e admitir que, com base no que vi, *you* deveria ser a pessoa contratada.

... Mas?

– Mas...

Eu sabia. Eu sabia. Eu *sabia* , mas meu coração se aperta mesmo assim.

– Elsie, chamei você para esta conversa a sós porque acho que seria melhor se estivesse ciente das questões... políticas que estão em jogo atualmente.

– Questões políticas? – Eu não deveria estar surpresa. O meio acadêmico das áreas STEM é feito 98 por cento de política e um por cento de ciência (o restante, suspeito, são memes sobre “eu deveria estar escrevendo”). – Como assim?

– Pode ser que você receba várias propostas de emprego e quero ter certeza de que vai escolher a gente apesar de... de qualquer coisa que aconteça durante o seu processo seletivo.

Eu franzo a testa.

– Qualquer coisa que aconteça?

Ela suspira.

– Como você sabe, nos últimos anos houve certa... insatisfação entre físicos teóricos e experimentalistas.

Reprimo um risinho irônico. *Insatisfação* é uma palavra pomposa para dizer que, se o Expurgo fosse anunciado neste exato momento, três quartos dos experimentalistas do mundo tocariam a campainha dos teóricos com seus facões recém-amolados. Obviamente, seria tudo em vão: descobririam que os teóricos haviam partido muito tempo antes e que já estavam sacudindo suas cimitarras nos jardins dos experimentalistas.

Sim, neste meu cenário muito repassado, nós, teóricos, temos as armas mais legais.

Somos apenas de raças diferentes. Água e vinho. Anões e elfos. Cientistas descolados e cientistas menos descolados. Nós, teóricos, usamos matemática,

construímos modelos, explicamos os porquês e comos da natureza. Somos *pensadores* . Experimentalistas... Bem, eles gostam de pagar pra ver. Construir coisas e sujar as mãos. Como engenheiros. Ou crianças de 3 anos em uma caixa de areia.

Os teóricos acham que são mais espertos (alerta de spoiler: somos mesmo) e os experimentalistas acham que são mais úteis (mais um alerta de spoiler: não são). Para alguns, isso gera... sim, insatisfação.

Monica, graças ao universo e às partículas subatômicas das quais ele é feito, é uma teórica. Trocamos um olhar longo, intenso e compreensivo.

– Estou ciente – respondo.

– Ótimo. E você deve ter ouvido falar que Jonathan Smith-Turner ingressou recentemente no MIT.

Meu corpo enrijece.

– Não.

– Mas *já ouviu* falar de Jonathan Smith-Turner. E do... artigo dele.

Não é uma pergunta. Monica é sábia e plenamente consciente de que não há dimensão, universo paralelo, plano de existência hipotético autocontido no qual um físico teórico não saiba quem ele é. Porque Jonathan Smith-Turner é um experimentalista – não, ele é *o* experimentalista. E vários anos atrás, quando eu estava no ensino médio e ele provavelmente já era um homem adulto – e que por isso deveria ter um pouco mais de noção –, ele fez algo horrível. Algo imperdoável. Algo abominável.

Ele fez os físicos teóricos parecerem burros.

Impulsionado pelo que só posso presumir ser amargura, excesso de tempo livre e celibato involuntário, ele decidiu provar ao mundo que... Na verdade, não sei o que ele queria provar. Mas ele escreveu um artigo científico sobre mecânica quântica que estava cheio de palavras difíceis e cálculos matemáticos suficientes para parecer ter sido escrito por um teórico.

Só que o artigo era completamente inventado. Uma baboseira. Uma paródia, pode-se dizer. E virou uma pegadinha quando ele o submeteu à *Anais da Física Teórica* , nossa publicação de maior prestígio, e esperou (esfregando as mãos maldosamente, é a única coisa que podemos supor).

E foi aí que as coisas deram errado. Porque, apesar de passar por uma revisão supostamente rigorosa de colegas da área, o artigo foi aceito. E publicado. E ficou no ar por várias semanas, ou pelo menos até que a merda fosse jogada no ventilador – por meio de uma postagem em um blog de alguém provavelmente associado a Smith-Turner, lá na época em que blogs eram populares.

“A física teórica é pseudociência?” era o título. A postagem, que detalhava como Smith-Turner havia conseguido publicar um monte de bobagens no veículo mais respeitado da física teórica, era ainda pior. “A física perdeu o rumo? É tudo invenção?” E, pessoalmente, meu trecho favorito: “Se a física teórica é balela, é justo recompensar os teóricos com o dinheiro de impostos federais?”

Não estou sendo nem um pouco dramática ao dizer que foi um absoluto caos. No Facebook. Nos noticiários, incluindo o *60 minutes*. Até mesmo a Oprah falou sobre o assunto – o Caso Jonathan Smith-Turner, a Farsa Teórica, o Escândalo da Física. Einstein se revirou no túmulo. Newton vomitou sua maçã. Feynman silenciosamente entrou em um tanque de hélio líquido. A jovem Elsie, que no início da adolescência já sabia o que queria ser quando crescesse, ferveu de ódio, resmungou e boicotou integralmente a cobertura do assunto, proibindo todos os meios de comunicação na casa dos Hannaways. (A proibição não foi atendida, já que a família Hannaway tendia a esquecer a existência da jovem Elsie; seus pais provavelmente estavam ocupados demais tentando impedir os outros dois filhos de jogar ovos no quintal do vizinho.)

O interesse popular logo se desvaneceu. A *Anais da Física Teórica* retirou o artigo do ar e se desculpou pelo descuido, um bando de teóricos em suéteres idiotas e cabelos cheios de spray foram ao YouTube para defender a honra, e Jonathan Smith-Turner nunca falou em público sobre o assunto. Felizmente, a quantidade de energia mental que seres humanos convencionais gostam de gastar com física é limitada.

Mas a farsa foi um golpe humilhante e devastador, e o setor nunca se recuperou totalmente – tudo por causa de uma pegadinha estúpida. Mais de

uma década depois, o financiamento da física teórica continua sendo cortado. As vagas de emprego foram dizimadas. A piada corrente ainda é que a física teórica é igual à escrita criativa, existem livros sobre como os teóricos são lunáticos aproveitadores e as principais previsões de preenchimento automático do Google para *física teórica* são “não é ciência de verdade”, “é uma bobagem”, “morreu”.

(Calúnia. Isso que o Google faz é calúnia e deveríamos todos migrar para o Bing.)

A situação ainda consegue piorar – por dois motivos que tornam tudo isso pessoal para mim. Em primeiro lugar, uma das principais consequências do artigo foi que a comunidade da física teórica, sob a premência de salvar a própria pele, encontrou logo um bode expiatório: censuraram formalmente o editor-chefe da *Anais*, a versão acadêmica de atirar alguém aos leões e deixar a pessoa lá para morrer.

O editor era Christophe Laurendeau – meu orientador.

Pois é.

O segundo motivo é que, infelizmente, Smith-Turner e eu trabalhamos na mesma subárea da física. Nosso trabalho com cristais líquidos se sobrepõe parcialmente, e de vez em quando me pergunto se isso é motivo suficiente para redirecionar meus estudos para algum outro tópico. Buracos negros? Modelos de rede? Supremacia quântica? Eu ainda estou tentando decidir. Nesse ínterim, venho fazendo um boicote. Durante anos, eu me recusei a me importar com o que Jonathan Smith-Turner está fazendo – me recusei a ler seus artigos, a reconhecer sua existência, até mesmo a mencionar seu nome.

Olhando para trás, percebo que eu provavelmente deveria ter acompanhado o trabalho dele.

– Claro que Jonathan é um experimentalista talentoso e um trunfo para o departamento – diz Monica. – Ele se juntou à equipe no ano passado, saiu da Caltech com bolsas de pesquisa consideráveis para liderar o Instituto de Física do MIT. Temos sorte de tê-lo conosco. – Sua expressão deixa bem claro que ela não acredita nisso. – A vaga para a qual você está sendo entrevistada é híbrida: metade do seu salário será pago pelo meu departamento, metade

pelo Instituto de Física. Que é chefiado por Jonathan. Que, por sua vez, favorece fortemente o outro candidato que estamos entrevistando. – Monica dá um suspiro. – Não posso dizer quem é o outro candidato, por motivos óbvios.

– Imagino que a outra pessoa concorrendo à vaga seja experimentalista.

– É. E já colaborou com Jonathan no passado.

Fecho os olhos e sinto aquela sensação de *Que merda* .

Esta entrevista é uma competição. Teóricos contra experimentalistas. Departamento de Física contra Instituto de Física. Monica contra Jonathan.

Comitê de Seleção: Guerra Civil.

– Se eu conseguir a vaga, Jonathan Smith-Turner será meu chefe?

Pode ser que haja um limite para as coisas de que estou disposta a abrir mão em nome de tempo garantido às minhas pesquisas, plano de saúde e ilimitado poder de compra de queijos.

Monica balança a cabeça energicamente.

– Não de maneira significativa.

– Entendi. – Uma sensação de alívio aquece minha barriga. Muito bem, então. – Obrigada por ser direta comigo. Vou ser igualmente direta: tem alguma coisa que eu possa fazer para ser a escolhida?

Ela me observa, séria por um momento. Então seu rosto se abre em um sorriso desafiador, e é aí – é *aí* que ela dá bandeira. É nesse momento que descubro quem é a pessoa que Monica quer que eu seja: uma campeã. Seu tributo nos Jogos Vorazes da física. Uma gladiadora para enfrentar Jonathan Smith-Turner, o Soberano das Ciências Exatas que ela tanto despreza.

Bom, posso fazer isso. Porque por acaso eu também desprezo esse mesmo cara.

– Você precisa saber do seguinte, Elsie: a maioria dos membros do corpo docente aos quais você será apresentada durante a entrevista, incluindo o Jonathan, já decidiu qual candidato vai recomendar que seja contratado, com base na preferência pessoal por um teórico ou um experimentalista. Eles já sabem se vão votar em você ou em George, e não há muito que a gente possa fazer pra que mudem de ideia.

Minha sobrançelha involuntariamente se arqueia. Acho que Monica não tinha intenção de deixar escapar o nome da pessoa em quem Jonathan Smith-Turner vai votar, mas não fico nem um pouco surpresa. É óbvio que ele ia querer contratar um homem.

– Mas tem uma meia dúzia de professores que vivem na fronteira entre o teórico e o experimental – continua ela. – Os doutores Ikagawa, Álvarez, Voight... Eles fazem parte da equipe de pesquisa do Volkov e o acompanham em tudo. Isso significa que Volkov será o voto decisivo. Meu conselho é: converse com ele no tempo livre que tiver durante o processo. Se possível, adapte suas apresentações de acordo com os interesses dele. E... não sei se Jonathan pode tentar dar alguma vantagem para o candidato dele e te deixar em alguma situação complicada, mas... tome cuidado com ele. Tome muito cuidado.

Eu faço que sim lentamente. Então assinto de novo, respirando bem fundo, desembaraçando meus pensamentos conturbados.

Sim, entrevistas acadêmicas são otimizadas a fim de garantir o sofrimento máximo do candidato, mas isso aqui é politicagem do nível de estratégia de guerra, e não me preparei para tanto. Sou uma garota simples. Com necessidades simples. Tudo que quero é passar meus dias resolvendo equações hidrodinâmicas para calcular o caos espaço-temporal em grande escala exibido por materiais secos ativos em fase nemática. E talvez, se possível, comprar a preços razoáveis quantidades de hormônios pancreáticos que garantam a minha vida.

Mas – mordo meu lábio inferior, pensando rapidamente – talvez eu *consiga*. Sou uma ótima física, uma profissional em dar aos outros o que desejam, e, assim que conseguir este emprego, serei apenas eu e minha ciência. E ser escolhida em detrimento do candidato de Smith-Turner? Seria como vingar o Dr. L. e a física teórica, ainda que só um pouco. Que pensamento adorável e comovente.

– Está bem – digo a Monica. Eu a conheci há dez minutos, mas estamos nos olhando como aliadas de uma vida inteira. O tipo de camaradagem apressada que surge quando as pessoas planejam um assassinato juntas. O de

Jonathan Smith-Turner, é claro. – Posso fazer isso.

Ela parece satisfeita.

– Eu sei que não é nada ortodoxo. Mas você é a candidata ideal. A melhor para o departamento.

– Obrigada. – Sorrio, projetando uma autoconfiança que não sinto. – Não vou decepcionar.

Ela sorri de volta, ao mesmo tempo calorosa e severa.

– Muito bem. Vamos. O restante do comitê de seleção já deve ter chegado – diz, e eu a acompanho até a entrada, a cabeça girando com todas as novas informações, tentando não andar feito um tiranossauro. – Ah, lá estão eles.

As pessoas reunidas na área de espera são, me dói dizer, embaraçosamente fáceis de identificar como físicos. Não são as calças cargo nem os coletes-suéter ou a difundida síndrome do cabelo incontrolável. Não são as correntes para óculos, usadas sem qualquer ironia. Não é nem por serem todos homens, em conformidade com a hiperabundância de caras na minha área.

É o fato de estarem no meio de uma competição de trocadilhos envolvendo física.

– Qual é o melhor livro sobre gravidade quântica? – pergunta um senhor idoso usando óculos com lentes fotocromáticas. Ele parece uma versão benevolente do Pinguim do *Batman*. – O que não te coloca pra baixo! Pegaram?

A gargalhada que se segue parece genuína. Ai, a minha turma.

– Pessoal. – Monica dá um pigarro. – Esta é a Dra. Elsie Hannaway. Estou muito feliz por ela se juntar a nós essa noite.

Sorrio calorosamente, sentindo como se estivesse fazendo um teste para um reality show.

Ídolos da Academia . Dança dos Professores. Sou cumprimentada com apertos de mão hesitantes e desajeitados de pessoas que se sentem mais à vontade olhando para um quadro branco do que fazendo contato físico, mas não as julgo. Eu sou igual, só aprendi a disfarçar um pouco melhor.

Vários docentes me são familiares, tanto teóricos quanto

experimentalistas; alguns apenas de nome, outros de conferências e palestras. O Pinguim na verdade é Sasha Volkov, e seu sorriso é mais aberto que o dos outros.

– Sou fã dos seus artigos sobre matéria escura – digo. Não é mentira: Volkov é um cara importante. Estou familiarizada o suficiente com seu trabalho para puxar um pouco seu saco. – Eu adoraria conversar sobre...

– Dra. Hannaway – interrompe ele, com seu sotaque sibilante e sua barriga protuberante –, eu tenho uma pergunta muito importante a fazer.

Ah, é?

– Claro.

– Você sabe qual é a fórmula para um velociraptor?

Eu franzo a testa. Qual é *o quê*? Ele está me *testando*? A fórmula para... Ah!

Entendi.

Dou um pigarro.

– Por acaso seria, hã... um *deslocamentoraptor* dividido por um *temporaptor*?

Ele me olha friamente por um segundo. Então dá uma gargalhada lenta, contente, que vem do fundo da barriga.

– Essa daqui, hein? – Ele aponta para mim, olhando para Monica. – Gostei dela. Ótimo senso de humor!

Claramente, a Elsie que Volkov quer conta piadas de tiozão da física. Vou ter que criar um repertório.

– Acho que todo mundo já chegou. Vamos indo pra mesa... Ah. – Monica para, olhando para algum ponto bem atrás do meu ombro. Sua expressão endurece. – Aí vêm o Jonathan e a Andrea. Antes tarde do que nunca.

Respiro fundo, me preparando para esse encontro. Eu posso ser simpática com Jonathan Smith-Turner. Posso ser educada com esse desperdício de espaço acadêmico. E posso fazê-lo chorar ao conseguir este emprego.

Retribuo o olhar de Monica por uma fração de segundo, uma promessa silenciosa, e então me viro, pronta para ser absolutamente agradável, pronta

para apertar a mão do babaca sem dizer *Eca* ou *Eu te odeio* ou *Obrigada por estragar a física para todos nós, seu bosta*.

Então eu paro.

Porque a pessoa que acabou de entrar...

A pessoa parada na entrada do restaurante, com flocos de neve derretendo em seu cabelo claro...

A pessoa desabotoando o casaco North Face...

... é ninguém menos que Jack Smith.